



## “SANTO ANTÔNIO DA MALOCA”: Memórias e Culturas sócio religiosa, Paraná do Ramos, Barreirinha-AM<sup>1</sup>

Soraia Lacerda dos SANTOS<sup>2</sup>  
João Marinho da ROCHA<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer um estudo histórico acerca da trajetória da “Agrovila Santo Antônio da Maloca”, está que nasceu de uma antiga ocupação de famílias nordestinas, através das memórias e praticas sócio culturas religiosa do local. A referida agrovila ficar a margem esquerda, descendo o “Paraná do Ramos” (afluente do Rio Amazonas) distante 35 quilômetros da sede do município de Barreirinha-AM. Conseguimos reconstituir a história do local, a partir das análises feitas em um conjunto de entrevistas produzidas a partir dos procedimentos da História Oral. Esta metodologia que estabelece e norteia os procedimentos desta pesquisa. O uso de tais fontes pauta-se na assertiva de que, tais narrativas nos ajudam, dentre outras coisas, compreender como se constituiu a “Santo Antônio da Maloca” e suas manifestações sócio religiosas. Isso porque, a memória é muito importante para a transmissão de saberes, adentrando no campo da historia oral podemos utilizar relatos orais como fonte para a produção científica. Partindo dessas perspectivas, utilizamos as narrativas de sujeitos, que até pouco tempo estavam à margem da historiografia tradicional, mas que hoje tem seu lugar reconhecido no campo da História Social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trajetória; Memória; Pratica sócio religiosa; Santo Antônio da Maloca.

### INTRODUÇÃO

O tema partiu de uma inquietação, que eu, autora deste artigo e filha da “Santo Antônio da Maloca”, sempre tive em relação à história do lugar, aonde até os dias de hoje a maior parte de minha família por parte de mãe reside. Assim sendo, reconstituirei

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 12 (Oralidades e Memórias na Pan-Amazônia) do III Siscultura.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º semestre do curso de História do CESP/UEA,  
email:[soraialacerdadossantos5@gmail.com](mailto:soraialacerdadossantos5@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor Assistente da Universidade do Estado do Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Parintins. UEA/CESP. Doutorando do Programa de Pós-graduação em “Sociedade e Cultura na Amazônia”. Universidade Federal do Amazonas. PPGSCA/UFAM. E-mail: [jmrocha.hist@hotmail.com](mailto:jmrocha.hist@hotmail.com)



a trajetória da agrovila, do mesmo modo, os festejos de santos do catolicismo popular como Santo Antônio, Sagrado Coração de Jesus, São Sebastião, entre outros, que são celebrados no local, a partir de entrevistas realizadas com moradores do lugar.

A referida agrovila surgiu de famílias vindas de um antigo espaço chamado “São Paulo da Maloca”, essas famílias tinham o objetivo de constituir uma comunidade em uma área mais favorável para todos. Em detrimento dessas ações uma nova comunidade surgiu tendo como nome e padroeiro “Santo Antônio”.

A importante de se ressaltar essas questões é para mostrar o resultado do hibridismo sócio cultural que há na Amazônia, isso porque, ao evidenciar as práticas religiosas trazemos para a historiografia, novos temas pertinentes que nos ajudam na identificação de nossa própria história.

O texto está estruturado em três sessões. A primeira intitulada “**Memória, História Oral e História na Maloca**” discorre sobre a pesquisa histórica a partir dos suportes de memória oral e apresenta os sujeitos que nos ajudaram a reconstruir a história das malocas. A segunda “**CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DAS MALOCAS (São Paulo e Santo Antônio)**”, explica a construção histórica da “São Paulo da Maloca” e da “Agrovila Santo Antônio da Maloca”, por meio das entrevistas realizadas com moradores. E por último “**PROCESSOS E PRÁTICAS SOCIO CULTURAIS**”, abordaremos as manifestações sócio culturais e religiosas da “São Paulo da Maloca” e também da “Santo Antônio da Maloca”, nessa etapa trataremos das festividades de santos do catolicismo popular<sup>4</sup>.

### **MEMÓRIA, HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA NA MALOCA.**

Este trabalho está inserido no campo da História Social. “Ainda hoje, a expressão “história social” é frequentemente utilizada como forma de demarcar o espaço desta outra postura historiográfica frente à historiografia tradicional” (CASTRO, 1997, p 76). Dessa forma, as análises foram feitas por meio de sujeitos ditos comuns, que relataram a trajetória e as manifestações religiosas da “São Paulo” e da “Santo Antônio da Maloca”. Este estudo está situado nesse campo, porque “vem trazendo as

<sup>4</sup> MAUÉS, Raymundo Heraldo. OUTRA AMAZÔNIA: OS SANTOS E O CATOLICISMO POPULAR. *Norte Ciência*, vol. 2, n. 1, p. 1-26 (2011).



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



problemáticas que foram suscitadas pelos Annales em seu sentido mais amplo” (CASTRO, 1997, p, 80). Esta pesquisa utilizar conceitos teóricos, porque, compreendemos que a memória é um processo individual que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados (PORTELLI, 1997).

Para que possamos trabalhar a trajetória da agrovila “Santo Antônio da Maloca” por meio dos processos sócio religioso usaremos os métodos empregados pela história oral. Dessa forma, Michel Pollak vem ressaltar a importância de “memórias subterrâneas” que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial” (POLLAK, 1989, p, 2). Alerta o mesmo autor, pontuando acerca “do problema da ligação entre memória e identidade social, mais especificamente no âmbito das histórias de vida, ou daquilo que hoje, como nova área de pesquisa, se chama de história oral” (POLLAK, 1992, p, 1). Partindo dessa perspectiva utilizamos as narrativas de sujeitos ditos comum para compor e recuperar a história da “Santo Antônio Maloca”. O uso de tais fontes pauta-se nas assertivas de que, “as narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições” (DELGADO, 2006, p. 13).

Deste modo, através da abordagem qualitativa de cunho etnográfico, fomos atrás de sujeitos sociais na agrovila que compartilhassem suas trajetórias e experiências, para que pudéssemos registrar a partir da História Oral. As narrações foram compostas a partir do processo de rememoração, assim podemos compreender e reconstituir um determinado espaço no passado.

A primeira pessoa a colaborar com essa pesquisa foi minha tia Elizangela Lacerda Albuquerque, no dia 5 de maio de 2018. Dessa forma, ela me relatou que nasceu em 26 de julho de 1980, na “Santo Antônio da maloca” e que seus pais se chamavam Maria Lacerda da Silva e Benício Albuquerque dos Santos, casada com Alciney Barbosa é mãe de cinco filho, tem 37 anos. Esse contato que tive com minha tia Elizangela, ao chegar à agrovila foi muito importante, porque, através dela que tive maior possibilidade de chegar aos outros entrevistados.



A segunda entrevistada foi à senhora Antônia Albuquerque Barbosa, no dia 5 e 6 de maio de 2018. Nascida em abril de 1925, dona Antônia Albuquerque tem 93 anos, é uma das moradoras mais antigas da agrovila e ainda faz parte daquelas primeiras famílias que vieram da “São Paulo”. Apesar da idade e esta bastante debilidade por causa de doenças ela ficou bastante entusiasmado e feliz por esta colaborando com a pesquisar. Sentada em sua rede ela começou a relatar sua trajetória de vida.

O terceiro personagem foi seu Manuel Freitas da Silva, no dia 5 de maio de 2018. Seu Manuel Freitas ou “Manduca” como é carinhosamente chamando na agrovila, nos recebeu na sua casa, no momento em que chegamos ele estava limpando a frente de sua casa, depois de explicar o motivo de minha visita e a importância do trabalho desenvolvido, ele prontamente quis nos ceder entrevista.

O ultimo entrevistado foi meu pai Pedro Viera dos Santos, no dia 2 de junho de 2018, na cidade de Parintins, onde moramos á pelo menos 18 anos. A importância e o porquê da entrevista realizada com meu pai se justificar, pois ele nos ajudou reconstruir uma das mais tradicionais manifestações religiosa que acontecia na semana santa “*Rezas para as Almas*” na agrovila “Santo Antônio da Maloca”.

### **CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DAS MALOCAS (São Paulo e Santo Antônio)**

Tratamos aqui sobre a constituição histórica da antiga “São a Paulo da Maloca” e da atual “Agrovila Santo Antônio da Maloca”. Consta nas narrativas que a área chamada “São Paulo da Maloca” foi composta por famílias nordestinas que chegaram ali provavelmente no final do século XIX e início do século XX e que possivelmente se misturam ao povo indígena que já habitava o lugar. Essas famílias ainda faziam parte do movimento migratório que aconteceu na segunda metade do século XIX entre o Nordeste e a Amazônia. Dessa forma, podemos pensar que a Maloca se constituiu um antigo lugar de resistências, fazendo com houvesse o que aconteceu na Amazônia inteira que é a mistura de crenças, costumes, festas, povos e etc.

[...] A minha avó era índia que casou com esse pessoal que chegou aqui (nordestinos) ela moravam aqui na maloca, ela era pouco já braba, quando agente fazia o que ela não queria ela batia na gente (risos). Ela era baxinha bem morena, ela ainda falava igual índio, à gente nem entendia ela (risos). (ALBUQUERQUE, Elizangela Lacerda. Agricultora. Entrevista realizada em 2018).

Segundos os relatos a “São Paulo da Maloca” não chegou a ser uma comunidade, pois ela não ganhou esse título, era na verdade uma área ocupada, aonde as famílias viviam da agricultura de subsistência pesca e caça, as casas eram feitas de madeira, barro, palha e ficavam próximas umas das outras, envolvidas por imensas plantações de “guaraná e laranja”, *“era assim uma rebolada de casa, cheio de plantação, castanha”*<sup>5</sup>.

As festividades de santos que aconteciam neste espaço não condiziam com a data oficial da Igreja Católica e também não eram reconhecidas por essa instituição religiosa, elas eram organizadas pelas próprias famílias do local com a ajuda de áreas vizinhas. Dona Antônia Albuquerque Barbosa ressaltou em suas narrativas, que no local não havia presidente comunitário e nem secretário (pessoas que representam determinado local) eram as próprias famílias que organizavam tudo. *“Eram as próprias familiares que organizavam aquele local era muito bonito e lá nunca foi padre. Também não tinha presidentes era só os mais velhos”*<sup>6</sup>.

Dona Antônia relata também, que apesar da “São Paulo da Maloca” ser um lugar bastante organizado e muito bom para se viver as pessoas que iam até lá para visitar ou participar das festividades, sempre questionavam o porquê que eles não se mudavam para outro local mais próximo do Paraná do Ramos (rio), o problema era gerado pela dificuldade de se chegar lá, principalmente no período da seca.

O lugar lá era São Paulo mesmo, era bonito tinha guaranazal ao redor das casas era muito bonito, muito laranjeira, muita laranjeira, laranja era, quando dava laranja ele era “vixe maria” e guaraná ao redor das casas né. Então era muito bonito ele! Só qui era longe e pessoal perguntava por que nos não mudava pra outro lugar perto... (do Paraná do Ramos). (BARBOSA, Antônia Albuquerque. Moradora. Entrevista realizada em 2018).

<sup>5</sup> Antônia Albuquerque Barbosa. *Entrevista*. realizada em 6 de maio de 2018. Agrovila Santo Antônio da Maloca.

<sup>6</sup> Idem.

Foi por esse motivo, que às famílias passaram a morar em outra área da região conhecida como “maloca” e foi também nessa nova área que tempos mais tarde a comunidade da “Santo Antônio da maloca” nasceria. As primeiras famílias nordestinas a verem morar nesse novo lugar antigo dos indígenas<sup>7</sup>. Foi à família de Álvaro Luiz de Freitas, José Silva e Luiz Passos. Nesse primeiro momento a pequena vila que estava se formando passou a ser chamada de “Vera Cruz”. Depois que essas famílias vieram para a ainda “Vera Cruz” as outras também passaram a vim. Mas esse processo não teria ocorrido de forma imediata, já que ainda havia família residindo na “São Paulo da Maloca” até a década de 80. *“Minha finada vó morou lá ate morrer em 80 por ai. Eu ainda me lembro da casa dela, era bem alta, foi lá que o finado papai morreu no São Paulo”*<sup>8</sup>.

A comunidade da “Santo Antônio da Maloca” só nasceria de foto com esse nome por causa da escolha de “Santo Antônio” para ser o padroeiro do local *“Era Vera Cruz de lá passou a “Santo Antônio”, porque, tinha um Santo Antônio ai, lá do finado tio Álvaro, esse Santo Antônio... E pra não ser já diferente [...] nome dela, botaram já é “Santo Antônio da Maloca”*<sup>9</sup>.

Segundo seu Manuel de Freitas, em 1973, Darlindo Albuquerque Glória e Manuel Domício dos Santos, ditos como os primeiros presidentes da comunidade, trabalharam muito para o local recebesse o título de comunidade por parte do município de Barreirinha/AM.

Foi fundada em 1973, por Darlindo Albuquerque Glória e Manuel Domício dos Santos e na época sair com o secretário, apesar do meu inicio de estudo ser muito baixo, mas Deus acreditou na gente e agente fez essa elevação até hoje. (SILVA, Manuel Freitas da. Agricultor. Entrevista realizada em 2018)

<sup>7</sup> Nas narrativas dos mais antigos dessas localidades eles sempre apresentam ideias que nos faz pensar que naquele local se constituiu uma espécie de “mocambos de índios”, por isso aparece muitas vezes nos seus relatos *“o povo mura”*. No entanto, sabe-se que essa é uma generalização que foi criada para o povo dessa região no período da colonização, o fenômeno do “mura agigantado”. Seja como for, precisamos de estudos para conhecer tais “viagens da memória”.

<sup>8</sup> Rosângela Lacerda Albuquerque. *Entrevista*. Realizada em 5 de maio de 2018. Agrovila Santo Antônio da Maloca.

<sup>9</sup> Antônia Albuquerque Barbosa. *Entrevista*. Realizada em 6 de maio de 2018. Agrovila Santo Antônio da Maloca.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Mas, para que isso fosse possível foi preciso contar com a ajuda da Igreja Católica, então um padre esteve no local, o que facilitou a institucionalização da nova comunidade, “*um padre veio pra cá, padre Gabriel (dona Antônia não lembra do nome completo do padre) veio ver como que estava aqui ai ele [...] viu que dava pra fazer uma comunidade*”<sup>10</sup>. Afirma Maués, que os agentes pastorais agiram desta forma na Amazônia na segunda metade do século XX:

As “novas formas de cidadania” emergentes na Amazônia a partir da atuação dos agentes de pastoral da Igreja Católica, ao trabalharem, motivados pela Teologia da Libertação, na implantação de Comunidades de Base. “Tal aspecto será enfatizado ao longo do texto, pois representa um ganho político para as populações locais influenciadas por essa ação, em reação interativa que, portanto, não se processou num único sentido, mas constituiu-se numa forma de reciprocidade” (MAUÉS, 2010, p. 14).

Segundo dona Antônia foi principalmente a partir desse momento que quase todos outros moradores da “São Paulo da Maloca” resolveram vir para o local, já que ale estava se constituindo de fato uma comunidade, “*nesse início de comunidade nós era apenas cinco casas que existia aqui nessa frente, os moradores tudo aqui parente, tudo de família*”<sup>11</sup>. Com o passa do tempo à comunidade foi se expandindo ate chegar a um número de moradores bem expressivo.

Hoje os moradores tem maior orgulho, pois, a comunidade foi elevada ao patamar de “agrovila”, ao ser elevada ela passou a se chamar “Agrovila Santo Antônio”. No entanto, os moradores não concordaram com a retirada da “Maloca” e assim ela passou a se chamar “Agrovila Santo Antônio da Maloca”. Hoje o local tem em torno de 55 casas e cerca de 200 pessoas vivem na sede da Agrovila e no que pode perceber ela esta em constante crescimento, já que as pessoas continuam constituindo família. Maués, nos informa que na maioria das vezes esses locais são constituídos a partir de “unidades familiares que mantêm entre si laços de parentesco, vizinhança e compadrio” (MAUÉS, 2010, p.17).

<sup>10</sup> Antônia Albuquerque Barbosa. *Entrevista*. Realizada em 6 de maio de 2018. Agrovila Santo Antônio da Maloca.

<sup>11</sup> Manuel Freitas da Silva. *Entrevista*. Realizada em 6 de maio de 2018. Agrovila Santo Antônio da Maloca.

## PROCESSOS E PRÁTICAS SOCIO CULTURAIS

### *Festa de santo na “São Paulo da Maloca”*

Na antiga área da “São Paulo da Maloca” era realizados festejos em honra a Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Trindade e São Bento, todos esses santos eram promessas e pertenciam às famílias do local. *“Todos esses santos eram de promessas, São Bento, Nossa Senhora Rosário e zoutros também com certeza o São Sebastião é dos Freitas, por exemplo, e Nossa Senhora do Rosário era da mamãe”*<sup>12</sup>.

Segundo os relatos de dona Antônia Albuquerque, *“Nossa Senhora do Rosário”* pertencia a sua família e eles com a ajuda dos outros moradores do local preparavam tudo para a realização da festa no dia 2 de maio. Ela nos contou que quando chegava perto da festa, todos se uniam no processo de organização da mesma, fazia-se farinha, biscoito e bejus, pé de moleque, os homens pescavam e casavam, tudo visando a alimentação dos visitantes e convidados.

Dona Antônia Albuquerque, não lembra mais a quais famílias os outros santos pertenciam. Mas ela é enfática, quando diz que eles também eram igualmente festejados pelas outras famílias. *“Lá, lá todos faziam sua festa. Por isso só era uma noite nós só tinha condição pra uma noite, mas agente se ajudava e as outras comunidades também, até hoje aqui na maloca”*<sup>13</sup>. Ainda segundo dona Antônia Albuquerque, depois que essas as famílias foram vindo para a área da “Maloca” esses santos não pararam de ser festejados, porém, não são mais cultuados com a mesma imponência que eram no antigo espaço *“ainda hoje se faz rezas e é só, mas não em todos os anos”*<sup>14</sup>.

### *Práticas religiosas na “Santo Antônio da Maloca”*

De início na “Santo Antônio da Maloca” as festas eram feitas ainda de forma bastante simples e contavam somente a participação dos moradores do local e das áreas mais próximas, mas com a chegada e a ajuda da Igreja Católica as coisas passaram a mudar principalmente no que diz respeito à estrutura e organização das festas.

<sup>12</sup> Antônia Albuquerque Barbosa. *Entrevista*. Realizada em 6 de maio de 2018. Agrovila Santo Antônio da Maloca.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Idem.

Hoje em dia a festa de Santo Antônio é uma das mais tradicionais e conhecidas daquela região e segue uma programação composta por 10 noites. Na festa são realizados leilões, pingos, torneios de futebol, desfile de bonecas vivas e baile dançante, tudo com a participação expressiva de outras comunidades, como Vila Batista, Caranã, Santa Maria do Lago Preto, Boca do lago do Preto, Distrito de Pedras, etc. Elas participam ativamente da festa trazendo prêmios para o bingo do santo e doação para o leilão, nesses locais também são realizados torneios, bingos e leilões para arrecadar dinheiro para ajudar na festa, isso tudo faz parte de uma rede que essas comunidades criarão para se ajudar em suas festividades, “[...] *Ajudam a Vila Batista, Vila Batista ajuda aqui e Caranã ajuda aqui [...] é só que ajuda e aqui daqui ajuda Vila Batista, Caranã assim [...]*”<sup>15</sup>.

Dessa forma, os meses que antecedem a festividade do santo, a agrovila vive momentos de muita agitação que envolve todos os moradores, “*agora a festa a festa do padroeiro é uma festa comum de todos, todo mundo pede, todo mundo ajuda, todo mundo participa, todo mundo prepara a festa*”<sup>16</sup>. Como informa Galvão:

O catolicismo do caboclo amazônico é marcado por acentuada devoção aos santos padroeiros da localidade e a um pequeno número de “santos de devoção” identificados à comunidade. Os cultos e festivais organizado em honra desses santos são organizados pela freguesia na maior parte das vezes, o dia de festa não coincide com o calendário oficial da Igreja Católica, ou o próprio calendário local das outras comunidades dedicadas aos mesmos santos. (GALVÃO, 1976, p. 3).

A segunda prática religiosa mais importante da agrovila Santo Antônio da Maloca é a do “**Sagrado Coração de Jesus**”, essa festividade ocorre todo ano nos dias 25 e 26 do mês de fevereiro. Dona Antônia Albuquerque afirma:

Fui eu e as minhas parceiras [...], fomos em Terra Preta [Comunidade de Terra Preta] num retiro lá, aí estivermos lá aí as meninas de lá [...] Como já o nome daquela? [...] Elas se deram com nós, aí elas perguntaram, mandaram me chamar, eu fui, perguntaram pra mim se por acaso nos podia compra o Sagrado Coração deles, porque, eles não tinham onde colocar, eles estavam... Tinha uma igrejazinha deles, mas o terreno não era deles, o dono fui atacar fogo na igreja e

<sup>15</sup> Antônia Albuquerque Barbosa. *Entrevista*. Realizada em 6 de maio de 2018. Agrovila Santo Antônio da Maloca.

<sup>16</sup> Manuel Freitas da Silva. *Entrevista*. Realizada em 6 de maio de 2018. Agrovila Santo Antônio da Maloca.

ai assim ela chorando, pedindo pra nos... Pra mim, eu disse a gente compra, a gente fica com o santo o Sagrado Coração [...] ai marquemos o dia pra nos ir buscar, fomos busca, esse santo elas choraram lá, elas choravam! (BARBOSA, Antônia Albuquerque. Moradora. Entrevista realizada em 2018).

A responsável pela festa do santo hoje em dia na agrovila é dona Rosame dos Santos Alfaia, *“ela convida a comunidade pra ajuda a fazer”*<sup>17</sup>. A festa também tem sua parte religiosa com procissão, missas, bingo, leilão, torneios de futebol e desfile de bonecas vivas, *“chegar no dia as pessoa mais, os homens da comunidade que se ajuntam pra compra aquele boi, pra chegar no dia da festa eles fazerem aqueles panelão de comida que eles chamam a comunidade pra comer tudo lá junto”*<sup>18</sup>. E assim como há na festa de Santo Antônio, a festa do “Sagrado” também tem sua parte religiosa e “dançante”, nela a comunidade também recebe bastante pessoas de outras localidades.

Além da festa do padroeiro da agrovila e do Sagrado Coração de Jesus, também existem outras manifestações religiosas, como por exemplo, a de santos de promessas pertencentes às famílias do local como **“São Sebastião e Santo Expedito”**. Mas, também existiam praticas religiosas na agrovila que nos dias atuais não são mais realizados, mas que permanecem vivas na memorias dos mais velhos do local como, por exemplo, a festa em homenagem a **“São Lazaro”** é a cerimonia da **“Rezas para as Almas”**.

### **“REZAS PARA AS ALMAS”**

Consta que o ritual chamado “Rezas para as almas” era formado por um grupo no qual só podiam pertencer homens. Durante a Semana Santa eles encapuzados saiam pelas ruas da agrovila e também de outras comunidades entoando e fazendo preces para as almas dos que já haviam “partido dessa vida”. Dessa forma, os dias que antecediam essa data os homens mais velhos desse grupo que eram chamados de “cabeça”, uma espécie de liderança, reunia os outros membros para acertar todos os detalhes do que iria acontecer nas noites de cerimônias. No entanto, se houvesse algum jovem que

<sup>17</sup> Rosangela Lacerda Albuquerque. *Entrevista*. Realizada em 5 de maio de 2018. Agrovila Santo Antônio da Maloca.

<sup>18</sup> Idem.

quisesse participar do movimento, que era uma espécie de “irmandade”, essa pessoa tinha que obedecer a certas regras como, por exemplo, aprender entoar os contos, as rezas, se vestir a caráter e *“acima de tudo agir com muito respeito para com os mortos”*<sup>19</sup>.

Durante a “Semana Santa” os participantes do movimento *“passavam os dias rezando e treinando os cânticos”*<sup>20</sup>. As cerimônias aconteciam na quarta, quinta e sexta-feira. Inclusive a sexta era o dia mais importante para eles, já que é o dia da morte de Jesus, segundo a tradição católica. Quando a tarde chegava *“lá pelos seis horas os cabeças se reuniam para planejar os últimos detalhes”*<sup>21</sup>, já que cada membro tinha uma função dentro do grupo, por exemplo, havia os que tocavam os instrumentos, os que cantavam os cantos como primeira, segundo, terceira e quarta voz, pós uma voz tinha que ser mais grave do que a outra. Os que levavam o sino, as velas, eram eles pediam permissão para *“rezar na frente da casa das pessoas”*<sup>22</sup>, entre outras funções secundárias. *“Quem era responsável pelo sino chegava e tocava o sino. Aquilo já era sinal que íamos rezar pras almas ali, muitas vezes eles deixavam beju, pé de moleque, chá pras almas”*<sup>23</sup>.

As cerimônias ocorriam *“lá pelas nove, dez horas da noite os membros do grupo saiam em direção ao cemitério”*<sup>24</sup>, ao chegarem lá, o “cabeça” começava *“rezando o pai nosso e outra prece”*<sup>25</sup>, isso tudo era para pedir permissão para que as almas fossem retiradas do cemitério. A partir desse momento, tanto os mais velhos, quanto os mais novos, cobriam a cabeça com uma espécie de véu que era um pedaço de pano transparente. Esse pano era sagrado para eles e em nenhum momento eles podiam retirar. Outra regra que todos buscavam respeitar era de que *“não podia olhar para trás”*<sup>26</sup>, já que havia muitas histórias de pessoas que haviam olhado e acabavam vendo coisas apavorantes como ossos de pernas, almas, vultos e alguns até sentiam cheiros.

<sup>19</sup> Pedro Vieira dos Santos. *Entrevista*. Realizada em 5 de março de 2018. Município de Parintins.

<sup>20</sup> Idem.

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> Pedro Vieira dos Santos. *Entrevista*. Realizada em 5 de março de 2018. Município de Parintins.

Não podia olhar para trás, por que... Ate agente mesmo que fazia isso sentia coisas estranhas. Uma vez, não era do meu tempo, mas contavam que um homem olhou pra trás, ele quase ficou maluco, depois que ele voltou (do desmaio) ele disse que ele viu coisas horríveis gente morta coisas assim não sei se é verdade, mas acho que seja né. (SANTOS, Pedro Vieira dos. Pescador. Entrevista realizada em 2018).

Na Agrovila Santo Antônio da Maloca, essa cerimônia tomava contornos ainda mais arrepiantes aos olhos das gerações mais novas, já que na agrovila até os dias de hoje não existe cemitério. Então, para que esse ritual acontecesse, os responsáveis tinham que ir a remo ao Distrito de Pedras (distante cerca de vinte minutos da Agrovila Santo Antônio da Maloca), pois, só assim as almas dos que viveram na agrovila podiam “*voltar ao seu seio familiar*”<sup>27</sup>. Ao retornar ao destino, o grupo começava uma longa caminhada, em cada casa que chegavam encontravam uma “*vasilha com beiju-de-tapioca e chá*” entre outras coisas. Mas toda essa recepção alimentar não era a espera dos homens vivos, mas sim das almas que retornavam uma espécie de oferenda. “*A gente mesmo não podia tocar não era pra nos era pros mortos. Ali isso, era uma regra entre nos, nos não podia beber e nem comer nada ali*”<sup>28</sup>.

Dessa forma, eles passavam praticamente a “*noite toda indo em casa em casa fazendo as preces e os cânticos*”<sup>29</sup>. Entre as cantigas mais entoadas durante a noite, ainda segundo essa mesma testemunha, estavam “*se não pecasse meu Deus..., acordai irmão meu..., fugindo para o Egito..., sexta, sexta, sexta santa...*”<sup>30</sup>. Quando estava perto do amanhecer por volta das três, quatro horas da manhã eles voltavam para o cemitério para deixar as almas. Mas um pequeno detalhe todos tinham que saber “*quem participasse uma vez da cerimônia era obrigado a ficar pelo menos sete anos fazendo o mesmo ritual*”<sup>31</sup> e quem não cumprisse “*seria perseguido pelas almas dos mortos*”<sup>32</sup>.

Segundo seu Pedro dos Santos, nada do que faziam era reconhecido pela Igreja Romana. A igreja, portanto, não tinha envolvimento nenhum com esses atos, “*tudo era feito*

<sup>27</sup> Pedro Vieira dos Santos. *Entrevista*. Realizada em 5 de março de 2018. Município de Parintins.

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> Idem.

*pela conta dos próprios participantes. Era nós mesmo os que organizavam tudo. A igreja nem sabia de nada (risos). Mas tudo com muito respeito não só de nos como também dos comunitários”<sup>33</sup>.*

No entanto, essa prática sócia religiosa veio se perdendo ao longo dos anos, pois:

Hoje tudo isso está se perdendo a juventude não quer mais nado disso só que já esse negócio de internet é uma pena. Mas oque agente pode fazer, nos já estamos velhos pra fazer isso e quem tem que tá afrente disso é uma pessoa jovem compromissada, mas ate agora ninguém. Já faz tempo, tempo não, só que não querem mais nada e tudo está se perdendo. (SANTOS, Pedro Vieira dos. Pescador. Entrevista realizada em 2018).

Seu Pedro dos Santos termina sua narrativa com um toque de nostalgia, isso por que, segundo ele essa prática religiosa que foi tão importa no calendário religioso da “Santo Antônio da Maloca” deixou de assiste na Santo Antônio da Maloca. Pois não há mais interesse por parte dos mais novos em participar da cerimônia, assim aos poucos, essa incrível celebração vem sendo esquecida, ficando somente na memoria dos moradores mais antigos da agrovila.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Essa pesquisa surgiu de uma inquietação que eu sempre tive em relação a historia do local onde nasci, isso porque, quando ainda era criança ouvia muitas narrativas que falavam de um local (São Paulo da Maloca) que existiu e que de qualquer forma deu origem uma nova comunidade, hoje agrovila “Santo Antônio da Maloca”.

Para construir a história e trajetória da agrovila, analisei as praticas sócio culturais e religiosas do local. No entanto, foi no decorrer da pesquisa com as leituras que me deparei com algo muito maior que é o “catolicismo popular na Amazônia”, no sentido das suas múltiplas significações e representatividades na vida do povo dessa região. Como nos ensina Maués:

---

<sup>33</sup> Pedro Vieira dos Santos. *Entrevista*. Realizada em 5 de moço de 2018. Município de Parintins.

As concepções populares do catolicismo popular amazônico não parecem diferir fundamentalmente de outros catolicismos populares. Mas têm, também, suas especificidades. Crenças em “santos vivos”, “santos achados”, “cobras grandes” (ou dragões), animais e pessoas “encantadas”, para ficar só nesses exemplos, existem em muitas partes do mundo (inclusive na Europa, de onde em parte nos vieram) (MAUÉS, 2011, p, 11).

A relevância de se ressaltar essas questões é porque, apesar das manifestações religiosas de nossa região apresentarem uma estruturação própria, por causa de sua gente, sua linguagem, seus espaços físicos, elas não deixam de dialogar com o resto.

Ao longo do tempo as duas “malocas” passaram por diversos processos e transformações em suas organização e trajetórias, essas eram feitas por sujeitos que sempre estavam em busca de melhores condições de vida se embrenhavam pelas matas e beiras de rios, lavando consigo o que havia de mais poderoso a fé nos santos de devoção. Foi assim que a “São Paulo” e a “Santo Antônio da Maloca” e tantas outras comunidades nasceram na Amazônia. Envoltas por um forte elo que vem das festas de santos de devoção ou padroeiro, que são sem duvida nenhuma os acontecimentos mais importantes e esperados do ano, na vida dessas pessoas.

Nas narrativas de dona Antônia Albuquerque Barbosa, Elizangela Lacerda Albuquerque, Manuel Freitas da Silva e Pedro Vieira dos Santos, podemos ver que essas manifestações são muito mais que uma prática religiosa, pois são elas que dão o significado social para esses sujeitos. Por isso, a importância da História Oral, já que essa metodologia é um instrumento importante para o estudo de novos campos de pesquisa histórica e quando se fala da região amazônica ela ganha contornos ainda maiores, já que nos fornece instrumentos e mecanismos para reconstruir e recuperar testemunhos de nossa própria história.

Portanto, essa pesquisa não representa só a trajetória de um local da região de Barreirinha/AM, vai muito, além disso, dar voz e visibilidade a lugares e indivíduos que antes não faziam parte da historia oficial.

## **FONTES ORAIS**

BARBOSA, Antônia Albuquerque. Moradora. Entrevista realizada em 2018

ALBUQUERQUE, Elizangela Lacerda. Agricultora. Entrevista realizada em 2018



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



SILVA, Manuel Freitas da. Agricultor. Entrevista realizada em 2018  
SANTOS, Pedro Vieira dos. Pescador. Entrevista realizada em 2018

## REFERÊNCIAS

- CASTRO, Hebe. 1997 In: **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia/ Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). - Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- GALVÃO, EDUARDO. **Santos e visagens**: um estudo da vida religiosa em itá. Baixo Amazonas, 2 ed. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. Comunidades “no sentido social da evangelização”: CEBs, Camponeses e Quilombolas na Amazônia Oriental Brasileira. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 30(2): 13-37, 2010.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. OUTRA AMAZÔNIA: OS SANTOS E O CATOLICISMO POPULAR. **Norte Ciência**, vol. 2, n. 1, p. 1-26 (2011).
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, 6, 2003, p. 9-25.
- PORTELLI, Alexandro. O que faz a História oral diferente. **Proj. História** São Paulo, (14), fev.1997.
- POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5. n. 10, 1992, p. 200-212.
- POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.